

# **Tudo que é vivo incomoda: arte e corpo político no espaço urbano<sup>1</sup>**

All That Is Alive Bothers: Art and the Political Body in Urban Space

Todo lo que está vivo incomoda: arte y cuerpo político en el espacio urbano

**Verônica D'Agostino Piqueira**

Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil

**Douglas Domingues**

Centro Universitário Senac, Brasil

**Carla Santana Soares Bulcão**

Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil

## **RESUMO**

A entrevista com o artista Sérgio Adriano H articula arte, corpo e espaço público em uma trajetória marcada pela urgência da representatividade negra e pela potência transformadora da arte. Com base em sua vivência em São Paulo e diversas outras cidades, ele compartilha processos criativos, estratégias de resistência e ações de acolhimento que tensionam a lógica excluente do circuito institucional. A conversa evidencia como sua prática artística recusa neutralidade e convoca o coletivo, operando entre o afeto e a crítica, o gesto e a cidade. Esta entrevista se insere no campo das artes públicas como documento sensível de uma poética engajada, em diálogo com a pedagogia, a memória e os afetos.

Trabalho submetido: 14/06/2025  
Aprovado: 04/08/2025

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-Non Commercial-No Derivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0) <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>  
© 2025 Verônica D'Agostino Piqueira, Douglas Domingues, Carla Santana Soares Bulcão

Palavras-chave: arte pública, corpo político, estética decolonial, memória e representatividade negra, espaço urbano

## ABSTRACT

The interview with artist Sérgio Adriano H weaves together art, body, and public space through a trajectory marked by the urgency of Black representation and the transformative power of art. Drawing from his experiences in São Paulo and other cities, he shares creative processes, strategies of resistance, and practices of care that challenge the exclusionary logic of institutional circuits. The conversation reveals how his artistic practice refuses neutrality and calls upon the collective, operating between affection and critique, gesture and the city. This interview engages with public art as a sensitive document of an engaged poetics, in dialogue with pedagogy, memory, and affect.

**Keywords:** public art, political body, decolonial aesthetics, memory and Black representation, urban space

## RESUMEN

La entrevista con el artista Sérgio Adriano H articula arte, cuerpo y espacio público en una trayectoria marcada por la urgencia de la representatividad negra y el potencial transformador del arte. Basado en su experiencia en São Paulo y otras ciudades, comparte procesos creativos, estrategias de resistencia y acciones de acogida que tensionan la lógica excluyente del circuito institucional. La conversación muestra cómo su práctica artística rechaza la neutralidad y convoca al colectivo, operando entre el afecto y la crítica, el gesto y la ciudad. Esta entrevista se inscribe en el campo del arte público como documento sensible de una poética comprometida, en diálogo con la pedagogía, la memoria y los afectos.

**Palabras-clave:** arte pública, cuerpo político, estética decolonial, memoria y representación negra, espacio urbano

Verônica D'Agostino Piqueira é doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAH/Mackenzie), onde concluiu o mestrado. Historiadora (PUC-SP). Pesquisa o cinema de Tod Browning, sua recepção e ecos no audiovisual contemporâneo. Atua na Educação Básica em São Paulo, com práticas de leitura de imagens para fomentar reflexão histórica.

<https://orcid.org/0009-0002-3003-2014> | [dagostinopiqueira@gmail.com](mailto:dagostinopiqueira@gmail.com)

Douglas Domingues é mestre em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi, pós-graduado (especialização) em Cinema, vídeo e fotografia pela Universidade Anhembi Morumbi e graduado em Desenho industrial - Programação visual na Universidade Federal do Espírito Santo.

<https://orcid.org/0000-0002-4492-9634> | [duubhs@gmail.com](mailto:duubhs@gmail.com)

Carla Santana Soares Bulcão é doutoranda com bolsa mérito em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAH/Mackenzie), onde também concluiu o mestrado com bolsa CAPES. É pós-graduada em Animais e Sociedade (Universidade de Lisboa) e em História da Arte: Teoria e Crítica (Centro Universitário Belas Artes de São Paulo), além de bacharel em Pintura (EBA/UFRJ).

<https://orcid.org/0009-0006-1763-5960> | [carla.bulcao@live.com](mailto:carla.bulcao@live.com)

Sérgio Adriano H desenvolve uma prática artística que se entrelaça com questões sociais, raciais e decoloniais, em diálogo contínuo e provocador com os espaços públicos e institucionais. Sua obra atravessa as fronteiras convencionais da arte, fazendo uso do corpo como um arquivo vivo para questionar e subverter narrativas históricas dominantes. Nesse contexto, sua atuação não se limita às galerias e museus. Pelo contrário, ele atua nas ruas, promovendo reflexões sobre representatividade, apagamento histórico e a possibilidade de transformação social por meio das artes.

Desde o início, sua trajetória foi marcada pela discriminação. Ele transforma essa realidade em arte, expondo, tensionando e desafiando as estruturas que sustentam a exclusão, açãoando e problematizando-as como parte fundamental de sua estética decolonial. A arte de Sérgio Adriano H torna-se, portanto, uma ferramenta vital para desestabilizar verdades estabelecidas, fortalecer vozes marginalizadas e manter vivo o sonho em um contexto de persistente desigualdade social e racial no Brasil.

1 A entrevista foi realizada presencialmente em São Paulo, no ateliê do artista, no dia 12 de junho de 2025. A transcrição e edição foram feitas com a autorização do entrevistado, respeitando o conteúdo integral das respostas.



Fig. 1 - Sérgio Adriano H em seu ateliê, 2025, fotografia. Registro realizado durante a entrevista no ateliê do artista, em São Paulo, SP, no dia 12 de junho de 2025. Fonte: Acervo dos autores.

**Você pode contar um pouco da sua trajetória? Como começou a se aproximar da arte e como esse caminho te levou às ações performáticas que realiza hoje?**

Sérgio Adriano H: Sou de uma família de mãe preta e pai branco que teve cinco filhos. Meus pais me ensinaram a me manter pelo caminho do meio, que pra eles era o caminho certo. Comecei no atletismo e foi nesse contexto que ouvi pela primeira vez que eu devia fazer faculdade. Pensei em fazer Moda, mas reprovei em desenho no vestibular da UDESC. Aí fui estudar na Casa da Cultura, um espaço público onde tive contato com desenho, pintura e escultura. Foi lá que um colega, ao saber que eu pensava em fazer artes, me disse: "Você sabe que homens da sua cor não fazem sucesso nas artes, não é?" A gente só estudava arte europeia e aquilo ficou na minha cabeça. Fiz o vestibular de artes visuais escondido, passei e fui o primeiro da família a entrar na faculdade. Meus pais me ensinaram a responder perguntas, mas a arte me deu o poder de perguntar e o direito de sonhar. Nunca tinha entrado em um museu. Quando percebi que nem o meu irmão, que foi montar uma exposição comigo, nunca tinha ido a um, entendi que muita gente também não vai. Então comecei a levar minha arte para a rua, porque se a gente não é ensinado a ir ao museu, eu vou à rua mostrar que a arte faz parte do cotidiano.

Eu sempre tive desejo pelo conhecimento. Era isso que me salvava. Todo dia eu era chamado de carvão, de Nescau e os desafios me levavam a estudar. No colégio, um professor me perguntou por que não havia negros na escola, só no pagode. Eu disse: "O senhor é professor de História. O senhor já deveria saber". A escola não dava respostas, então eu fui atrás. No atletismo, aprendi sobre meta e disciplina. Levei isso para a arte. Meu técnico dizia que eu tinha que fazer 500 abdominais, eu fazia mil. Nas artes, é igual: treino todos os dias.

**Durante sua formação, quais artistas ou experiências te marcaram? Comente sobre sua relação com o academicismo na universidade, especialmente em um contexto majoritariamente branco e de referências europeias.**

Sérgio Adriano H: Na universidade, eu só tive aula com professores e professoras brancos. Fui apresentado apenas à arte europeia e aquilo me marcou muito. Minha formação sobre arte africana e afro-brasileira era frágil, então precisei buscar outras referências por conta própria, porque os professores não apresentavam. Ainda hoje, em 2025, há gente em Santa Catarina que não conhece a Rosana Paulino. Em 2011, um curador chegou para mim e perguntou: "Por que você ainda fala de racismo? Isso já foi discutido." Respondi: "Se foi, não foi bem discutido. E eu não discuti". Só em 2016 tivemos a primeira exposição nacional de artistas negros, a *Diálogos Ausentes*<sup>2</sup>, no Itaú Cultural. Muita gente acha que já avançamos, mas a verdade é que mal abrimos a picada. E para ela fechar, é rapidinho. Essa falta de referências me bloqueava muito. Eu não sabia onde buscar, onde pesquisar. Todos os meus projetos de edital incluem material educativo, pensado inclusive para professores que não têm giz. A universidade me chama muito, mas eu vou sempre com provocações. Estive na Unicamp, com o reitor presente, e falei: "Não adianta me dar uma bolsa se eu não tenho o que comer nem material para estudar". A estrutura continua desigual. Não há professor representativo. A universidade adora dizer que serve à sociedade, mas na prática ela só serve aos seus próprios pares.

**As chamadas “verdades” do sistema, junto a temas como morte, vulnerabilidade, identidade racial, violência e apagamento, aparecem com força em sua obra. Fale um pouco sobre como esses temas se aproximaram da sua prática.**

Sérgio Adriano H: Em 2003, minha mãe começou a fazer hemodiálise e a gente já andava com um kit pronto para o hospital. Em uma aula de Antropologia, a professora pediu para a gente registrar um ritual e eu pensei: "Vou registrar o ritual da morte". Em 2006, minha mãe faleceu. Meu pai queria enterrá-la no dia seguinte, mas eu insisti que o velório tinha que durar uma noite, porque isso era uma verdade para ela. Aquilo ficou em mim. Fotografei o velório e criei a série *Portador da verdade*. Depois disso, comecei a pensar sobre o que é a verdade. Percebi que eu não tinha repertório para

<sup>2</sup> Diálogos Ausentes foi uma mostra realizada entre dezembro de 2016 e o início de 2017 no Itaú Cultural (São Paulo), com curadoria de Diane Lima e Rosana Paulino. Reuniu obras de 15 artistas e coletivos negros de diferentes campos, como artes visuais, cênicas e cinematográficas, e dialogava diretamente com a série de debates homônimos realizados ao longo daquele ano. Posteriormente, a mostra seguiu em itinerância para o Galpão Bela Maré, no Rio de Janeiro, incorporando contribuições locais e reforçando uma perspectiva crítica sobre a invisibilidade institucional da produção afro-brasileira.

discutir isso e fui fazer mestrado em Filosofia. Estudei Agostinho, que dizia que, se você duvida, já é uma verdade. A partir disso, comecei a olhar para as “verdades apresentadas”, como o chinelo virado ou a ideia de que pele preta vale menos. O racismo também é uma verdade apresentada. Minha poética parte disso: lanço uma pergunta, abro uma problemática. É sempre sobre desmontar essas certezas que nos impedem de sonhar ou de ser felizes.

**Em que momento você percebeu que sua trajetória também diz respeito a outras pessoas, àquelas ao seu redor ou que passam por experiências parecidas com a sua?**

Sérgio Adriano H: A história do meu irmão, ou mesmo a minha, diz muito sobre isso. Na minha época nem existia a palavra *bullying*. Eu era chamado de macaco, de Nescau e ninguém fazia nada. Anos depois, levei uma ação para uma escola no bairro Iririú, em Joinville, com fotos minhas do rosto pintado de preto e de branco, numa série chamada *O visível do invisível*. Os alunos viam as imagens sem saber do que se tratava. Depois, no intervalo, eu conversava com eles. Um menino me perguntou: “Quando você se livrou do racismo?” Respondi que não me livrei, mas me fortaleci, aprendi a lidar com ele. Ele me viu ali, de terno, e entendeu que podia ser diferente, que ele também podia furar o sistema. É isso que me move. Porque quando você não tem sonho, você anda de cabeça baixa. E tem outra coisa: nem sempre, mesmo dentro da arte, o que a gente faz é reconhecido como arte. Já ouvi de um curador que eu não sabia o que estava fazendo. Hoje em dia, dependendo da instituição, eu nem me inscrevo. Eu sei que não é o perfil que eles querem.

**Ao ocupar locais como o Palácio Cruz e Sousa<sup>3</sup> ou a Praça XV de Novembro<sup>4</sup>, que tipo de ruptura você busca provocar entre o corpo presente e a narrativa histórica oficial?**

Sérgio Adriano H: Quando eu ocupo esses lugares, eu não estou ali como Sérgio Adriano H, mas como um corpo social. É um homem preto presente onde, muitas vezes, houve apagamento. No Palácio

<sup>3</sup> Antiga sede do governo de Santa Catarina, localizado no centro histórico de Florianópolis. Nomeada em homenagem ao poeta simbolista negro Cruz e Sousa

<sup>4</sup> Espaço público central em Florianópolis, próximo ao Palácio Cruz e Sousa, marcado por eventos históricos e manifestações culturais.

Cruz e Sousa, por exemplo, isso é simbólico. Até há pouco tempo, o poeta era retratado com traços brancos, cabelo liso, como se sua negritude precisasse ser apagada para ser aceita. E isso diz muito sobre como a história é contada. Em Florianópolis, há uma placa dizendo que Dom Pedro passou por Santo Antônio de Lisboa<sup>5</sup> em 1845 e que ali foi feita uma calçada. Mas quem fez essa calçada? Ninguém diz. É o mesmo apagamento que repete a ideia de que no Sul “não houve escravidão”, quando sabemos que houve, sim. Basta ir aos cartórios. Joinville, Jaraguá do Sul e São Francisco do Sul são cidades marcadas por silêncios históricos. Em Jaraguá do Sul, por exemplo, havia um quilombo no centro da cidade, e os negros foram expulsos à bala com a chegada dos imigrantes. Ninguém fala disso. Então, quando ocupo esses espaços, levo comigo essas histórias soterradas. Uso meu corpo como um holofote para iluminar essas fissuras, porque não é só arte, é disputa de memória e território.

5 Bairro de Florianópolis com forte herança colonial portuguesa.



Fig. 2 - Sérgio Adriano H, *CORpo-MANIFESTO*, Largo do Carmo, 2023, fotoperformance. Praça XV de Novembro (antigo Largo do Carmo), Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Acervo pessoal de Sérgio Adriano H.

**Sua presença performática rompeu fronteiras geográficas. O que significou para você ocupar espaços como o Instituto Nacional de História da Arte e o Museu do Louvre, em Paris?**

Sérgio Adriano H: Fui convidado para um seminário decolonial na França por indicação da professora Célia Maria Antonacci, que pesquisou durante dez anos para o livro *Apontamentos da Arte Africana e Afro-Brasileira Contemporânea* e sempre defendeu a presença de artistas negros. Me inscrevi, mesmo sem bolsa, e só consegui viajar porque ela comprou uma obra minha. No Instituto Nacional de História da Arte (INHA), realizei uma performance em que fiquei 23 minutos imóvel sobre um pedestal, como um monumento. Eu vestia uma saia feita de cobertores e trazia no corpo uma faixa com a palavra “Descolonizar”, mas com o “s” cortado. O tempo da performance remetia ao dado de que, no Brasil, um homem negro morre a cada 23 minutos. Foram dias intensos. Em uma das mesas, fui muito questionado, inclusive por um francês que perguntou se qualquer pessoa poderia fazer aquela performance. Respondi que não! Aquela era uma experiência profundamente enraizada em minha vivência como homem negro brasileiro. Em seguida, fui ao Louvre, movido pela necessidade de provocar um espaço que representa, em muitos aspectos, a colonização e o saque. Foi um marco na minha trajetória. Estar ali com o corpo presente, performando, significou também abrir uma nova etapa da minha carreira.



Fig. 3 - Sérgio Adriano H, desCOLONIZAR CORpos, 2023, fotoperformance. Montagem de três registros da performance realizada no pátio do Museu do Louvre, Paris, França. O artista permanece imóvel sobre um pedestal por 23 minutos, vestindo cobertor reciclado e faixa com a palavra “Descolonizar”, com o “S” cortado. Fonte: Acervo pessoal de Sérgio Adriano H.

**Em muitos registros, seu corpo aparece como um “arquivo vivo”.  
Como você pensa a relação entre corpo, cidade, memória e permanência?**

Sérgio Adriano H: Trabalho com memória o tempo todo. Os objetos que uso têm memória, os lugares também. Fiz uma performance na Rua 13 de Maio, em São Paulo, em que me coloco nu, dentro de uma lixeira. Essa rua carrega o nome da chamada “libertação”, mas o que eu mostro ali é que muita coisa continua descartada. Cada gesto, cada deslocamento do corpo carregam múltiplas camadas de sentido.

Na cidade, meu corpo nunca é neutro. Se eu saio para correr, preciso estar com roupa de atleta, senão acham que roubei alguma coisa. Eu não posso ir à padaria sem identidade. A cidade me afeta profundamente e essas afetações atravessam meu trabalho. Não é só sobre o lugar, é sobre como aquele lugar me vê, me vigia, me limita. E o corpo, quando ativado, reverbera. Não é só uma foto-performance. Tem pensamento, tem afeto, tem risco.

Entrar naquela lixeira exigiu muito de mim. Depois de cinco dias sem lavar as mãos no batalhão, desenvolvi TOC. Eu preciso lavar as mãos o tempo todo. Eu quase nunca conto isso. Então me colocar em um espaço sujo, com meu corpo exposto, foi uma superação real, mas também um gesto necessário. Um desejo profundo de me comunicar com a cidade. Quando as pessoas me veem de terno, acham uma coisa. De chinelo, outra. Então estar vivo, para mim, é também isso: manter-se em arte, manter-se sorrindo. E isso incomoda. Ser um homem negro vivo e artista incomoda. Me manter vivo é questionar o sistema, é reagir à cidade, é afirmar a permanência do meu corpo como presença política.



Fig. 4 - Sérgio Adriano H, Série *O Lugar que Pertenço*, 2018, fotografia. Rua 13 de Maio, São Paulo, SP. O artista insere seu corpo nu em uma lixeira pública, tensionando a ideia de descarte e pertencimento. Fonte: Acervo pessoal de Sérgio Adriano H.

**Seu corpo aparece nas obras como signo, suporte, sujeito e objeto. Como você pensa essa duplicidade entre ser quem age e quem é representado? E que papel os símbolos e os gestos assumem nesse processo?**

Sérgio Adriano H: Quando Debret retratava pessoas negras, elas estavam escravizadas ou só ocupavam o fundo da imagem. Eu me coloco no centro. Sou o corpo fotografado e também quem fotografa. Autofotografar-me é parte do processo. Quero estar dos dois lados, inverter o olhar e afirmar esse corpo em empoderamento. Não é que não existam fotógrafos negros, mas são poucos em evidência. Então assumo também esse papel.

Meu corpo é signo e significância o tempo todo. Não tem elemento neutro. Estar nu na lixeira é falar sobre o descarte. O martelo de carne na boca é sobre a justiça que devora. É como a Elza Soares

diz: "a carne mais barata do mercado é a carne negra". É o sistema que escolhe quais corpos vão para a cadeia. Eu uso símbolos, gestos e suportes que carregam camadas de sentido. É assim que eu caminho com o meu trabalho.

**Você repete expressões como "Tudo que é vivo incomoda", "Descolonizar" com o "s" cortado por um "x", e "Quem é quem no Brasil". Elas nascem da leitura ou da prática? São marca, refrão, provocação?**

Sérgio Adriano H: Vivemos em um sistema visual e fui educado dentro dele. Repetir certas frases é minha forma de me comunicar nesse sistema. É afirmação quando falo com a população. É provocação quando falo com a academia. Quando uso "Descolonizar" com o "s" cortado, a academia quer debater o conceito. Mas na rua, um senhor passa, lê a faixa e pergunta se estou falando da colonização. E eu digo que sim. E ele entende. Porque ele também aprendeu a decodificar signos, como no supermercado, onde sabe a diferença entre leite integral e desnatado. O problema é quando a academia só fala com ela mesma.

"Tudo que é vivo incomoda" também é provocação. Vou apresentar essa faixa no Rio. A imagem sou eu, sem rosto, segurando a faixa no meio de Brasília. Sem o rosto, qualquer pessoa negra vira um corpo genérico. Parece que todo negro é da mesma família. Isso também incomoda. Um corpo preto vivo, visível, pensante. É isso que está em jogo quando repito essas frases.

**Você incorpora fragmentos da cidade como calçadas, pedras e espaços históricos nas suas obras. Isso é uma forma de reagir aos apagamentos urbanos? Como esses materiais e lugares atravessam sua poética?**

Sérgio Adriano H: Em muitos trabalhos, uso fragmentos urbanos como forma de tensionar o apagamento da memória na cidade. No Parque Farroupilha, por exemplo, levo uma faixa, um cobertor e uma lança para lembrar que a libertação foi prometida aos negros

escravizados caso lutassem na Guerra dos Farrapos, mas eles foram enviados descalços, com lanças, na linha de frente. Foram mais de 400 homens. Esse tipo de apagamento histórico me move.

Também trabalho com materiais como pedras portuguesas das calçadas de São Paulo, especialmente da região onde ficava o chafariz projetado por Tebas, arquiteto negro do século XVIII. Mesmo que não sejam do período original, as pedras estão naquele chão, naquela mesma região, e são retiradas e substituídas por cimento, sem discussão. Isso também é apagamento. A cidade muda, mas não guarda suas camadas. Governos passam e reconfiguram tudo como se nada antes tivesse existido. Recolher esses vestígios e incorporá-los à obra é um modo de resistir a essa lógica.

**O cobertor recolhido nas ruas, a cana-de-açúcar transformada em lança, o corpo envolto em faixas são exemplos de materialidades carregadas de dor e resistência. Como você escolhe e ativa esses elementos?**

Sérgio Adriano H: Os cobertores eu recolho pelas ruas de São Paulo. Mas esses cobertores não são aleatórios, vêm de uma população específica. Tem signo e significância ali. Você olha e sabe quem usou. O abandono acontece porque a pessoa não tem onde lavar, não tem como carregar. Então o cobertor vira resto, sobra. Mas também é abrigo, proteção. E isso tudo está nele quando eu trago para o trabalho.

A cana-de-açúcar vem da história do Brasil. Já foi mais valiosa que o ouro. Teve um período em que éramos um dos maiores produtores do mundo. Então, quando a transformo em lança, não é só visual. É um gesto. É um corpo negro armado com aquilo que já o explorou. E o cobertor também muda. Vira manto, vira saia, vira robustez. O sapato dourado. A cana virando portal. São elementos simples, do cotidiano, mas tratados de forma a empoderar tanto o objeto quanto quem olha. A ideia é essa, provocar pensamento, liberdade, leitura simbólica. Mas tem estudo, sim. Não é aleatório. Quando expus na Unicamp, em 2023, com Helô Sanvoy, propus pendurar minhas fotografias com cabos de vassoura da própria universidade. Recolhi as

vassouras de lá. Queria falar da nova escravidão disfarçada, do trabalho invisível, mal pago, da exploração cotidiana. A ponta da lança vem de uma mansão. As penas de galinha? Lembram o tráfico negreiro? Quando foi proibido trazer escravizados, os portugueses escondiam os negros nos porões e punham galinhas por cima. Chegavam ao então chamado Porto Rico, que era um ancoradouro dentro de Ipojuca, em Pernambuco, gritando “chegaram as galinhas!”. Por isso, Porto de Galinhas tem esse nome. O disfarce, a violência velada, tudo isso está na obra.

E tem a faixa. Ela veste, envolve, afirma. Na Serra da Moeda, entre BH e Brumadinho, lugar onde dizem que foi feita a primeira moeda falsa do Brasil, eu levei a faixa escrita “Descolonizar”. No topo do mundo, literalmente. Era uma provocação. Porque a palavra pode ser difícil, pode parecer distante. Mas ela precisa chegar. A pessoa que me vê com a faixa, às vezes pergunta: “Des... descolonizar? É sobre a colonização, né?”. E eu respondo que é isso mesmo, é para pensar em como ela nos atravessa até hoje. Então não é só sobre mim. É também para empoderar o outro, provocar o olhar.

Tudo no trabalho tem camadas, tem memória, tem história grudada. É assim que eu escolho os materiais: eles me dizem algo antes mesmo de eu dizer algo com eles.

**Sua arte parece provocar interrupções reais na vida das pessoas. Não só no espaço urbano, mas nas subjetividades. Você sente que ainda há espaço para essas fissuras afetivas, para esses encontros transformadores?**

Sérgio Adriano H: Quando uma mulher vai a uma exposição minha no SESC de Niterói, em um sábado de quase 40 graus, alguma coisa acontece. O SESC fica embaixo e, em cima, há o morro, e a comunidade pode usar a piscina sem carteirinha aos sábados. Essa população passa na frente da minha exposição e entra de sunga, de bermuda, descalça. E ela permanece. Isso é um *break* no dia deles. Então eu te respondo: a arte ainda faz fissura.

Mais ainda. Quando uma mulher negra, na abertura dessa exposição, olha para mim e diz: "Eu tava criando racismo na minha própria casa. Meu marido é branco, eu sou negra e meu filho é cloro. Eu achava que ele não ia sofrer racismo. Mas, olhando pra você, pra sua exposição, eu entendi que ele vai. E agora eu posso prepará-lo pra isso". Eu chorei. Como não chorar?

No Rio, por exemplo, tem essa coisa de que, se você não é retinto, não é negro. E eu vivi isso. Quando meu pai ia me buscar na escola, achavam que eu era adotado. Minha irmã era retinta, jogava muito bem handebol. Ganhou bolsa numa escola particular. Mas, todo dia, meio-dia, minha mãe esquentava o pente de ferro e passava no cabelo dela, para ela parecer com as outras meninas. Um dia, ela ganhou brincos de uma tia e foi com eles para a escola. Puxaram. Rasgaram a orelha dela. A violência foi autorizada. Eu só entendi isso direito depois de adulto.

Na exposição da CAIXA Cultural Brasília, em 2023, eu conversava com todo mundo. Segurança, limpeza, técnica. Cumprimentava, perguntava o nome, falava das obras. Se a Maria estava olhando uma fotografia, eu chegava e dizia: "Maria, essa aqui eu fiz no Quilombo dos Palmares, pensei isso e aquilo, olha os elementos que eu usei". E aí vem o segurança e me diz: "Ah, então essa exposição trata sobre isso?" A exposição entrou nele.

No encerramento, voltei para ministrar uma palestra. Quando chego para ver o livro de visitas, havia uma caneta feita de pena. Linda, delicada. Eu disse para a produtora: "Obrigado. Foi você que fez essa caneta?". E ela responde: "Não fui eu. Foi o segurança. Ele disse que uma exposição como essa precisava de uma caneta especial. Encontrou essa pena na rua e resolveu fazer para você". É isso que eu chamo de fissura. Quando o trabalho atravessa alguém. Quando toca, de verdade.

E teve também a exposição no Instituto Pretos Novos, no Rio, ali no Valongo. Quando reformaram o piso da casa que hoje é o Instituto, descobriram ossadas. De vaca, de cachorro e de negros

que chegavam mortos nos navios negreiros. Jogavam ali. Em cima disso foi feito um bairro. Foi ali que eu expus. Era pra durar um mês. Durou quatro. Foram 13.200 visitantes. A maior visitação que já tive. Me mandaram um vídeo de uma professora que estava explicando minha obra para os alunos. Era muito lindo.

Os professores levavam as turmas. Os alunos entravam, riam, conversavam, mas quando chegavam aos *bodies*, as pessoas ficavam em silêncio. Tenho uma série de *bodies* de bebê com frases que machucam, que moldam. Algumas vêm de comentários da internet, outras são ditados populares. Tipo: "Amanhã é dia de branco", "A miss Piauí tem cara de empregadinha"... E tantas outras.

Essas são as marcas que o trabalho deixa. As pessoas vão embora diferentes. E às vezes me escrevem depois. Uma menina de Joinville me mandou um e-mail dizendo que se salvou com a minha exposição. Outra, de Brasília, dizia que ia sempre, porque ali ela sentia aconchego, mesmo sendo uma exposição pesada, forte. Isso me mostra que ainda há espaço para a arte atravessar. Para a arte tocar fundo.

**Já enfrentou resistência direta do público, da polícia ou das instituições durante alguma ação? Como você reage a isso? Esses confrontos alteram seu trabalho?**

Sérgio Adriano H: Eu costumo dizer que hackeo o sistema. Fiz uma ação em Itajaí chamada *Verdade mil vezes repetida se torna verdade*, em que deixei livros colados e fotos emolduradas espalhadas no calçadão da cidade. Um hippie me alertou: "A polícia vai levar tudo, levaram as minhas coisas na semana passada". Pouco depois, chegaram mesmo. Me abordaram, perguntaram o que eu estava fazendo. Eu disse: "Sou artista visual, essa é uma exposição, vou ficar aqui quatro horas". Perguntaram se era venda. "Não, é arte". Então pediram só para eu puxar um pouco para o lado, porque ia passar o caminhão do transporte de valores. E foram embora. Mas por que deu certo? Eu estava de terno italiano, camisa branca e gravata vinho, sapato de couro e abotoaduras. Isso muda tudo.

O sistema reconhece signos, e eu uso isso a meu favor. Eu visto o código do poder para explodir o sistema por dentro. É por isso que estou de terno em várias performances. Se é tecido Oxford, acham que sou segurança. Se é tecido de lã 120, me leem como executivo. E eu me aproprio desses signos.

Nas instituições também é assim. Eu sei como funcionam os editais, como fazer curadoria do que apresento sem ferir a integridade da obra. Eu participo do sistema sem me traír. E levo gente comigo: na CAIXA Cultural, por exemplo, convidei uma artista negra para fazer uma performance. Paguei estadia, alimentação, cachê. Isso fortalece a artista e amplia o impacto do trabalho. Já tive problemas, claro, mas nunca deixei que isso diminuísse a potência do que faço.

Quem tem poder reconhece os códigos. Pode parecer só um cíamento ou um detalhe de postura, mas o sistema sabe ler. Ele te reconhece e tenta te absorver. Já me disseram: "Você tá na moda, né? Porque agora o artista negro tá em evidência". Mas eu estou na arte há mais de vinte anos, não sou moda. Quando te tratam como moda é para te tornar passageiro. Para te engolir e cuspir. Então eu uso os códigos como estratégia de permanência. O sistema se autoalimenta, e é preciso saber navegar por dentro dele sem ser digerido.

**Sua arte circula entre ruas, museus, praças e arquivos. Como você enxerga a curadoria nesse trânsito, não só como mediação, mas como gesto político? Que experiências curatoriais marcaram seu percurso, como potência ou como limite?**

Sérgio Adriano H: Eu sou um artista inquieto. Para fazer meu trabalho circular, tive que aprender muito além da criação: curadoria, iluminação, administração. Eu entendo desde logística de obra até documentos para doação a museus. Isso tudo faz parte da construção de um percurso.

Alguns colegas perguntam por que, mesmo com obras em acervos e exposições institucionais, eu ainda levo trabalhos para a rua. É que a rua me alimenta. A cidade me atravessa. Quando exponho em praças, aquele espaço se transforma. E quando tiro as obras de lá, fica um vazio. É um gesto de validação simbólica. Por ser artista, eu dou a esse espaço o status de museu a céu aberto.

Mas entendo também que estar em acervos é um selo. Não sei o futuro da minha obra, mas sei que, se estiver num museu, ela pode ser preservada, ativada, pesquisada. É uma forma de continuidade. E, estando nesses espaços, posso levar outras pessoas também. Na exposição da CAIXA Cultural, por exemplo, convidei uma artista negra para performar. Ela ganhou visibilidade. Isso também é curadoria. Saber usar o espaço conquistado para abrir caminhos.

Teve uma exposição que me marcou muito, de que já falei, a do Instituto Pretos Novos, no Rio. Eu saía do Cais do Valongo com balões dourados com a palavra "MATA" e ia berrando pela rua: "Preto, puta, trans, viado". As pessoas me seguiam até a exposição. Lá dentro, tinha a instalação *TU MATA EU*, rodeada por um arabesco formado por carimbos com essas mesmas palavras. De longe, parecia só ornamento. De perto, era denúncia. Essa curadoria, naquele lugar, naquele momento, foi um divisor de águas. Juntou performance, memória e política num mesmo gesto.

Foi quando levei a exposição *A dúvida da verdade* para a Bienal de Curitiba, em 2017, dentro do projeto itinerante chamado *Bike Galeria*. A proposta era simples e potente: circular pela cidade com uma bicicleta carregando as obras. Foi um momento muito feliz para mim, porque juntou vários conceitos e afetos. Havia uma série com seis fotografias feitas no Deserto do Atacama, onde passei sete dias sozinho. Em cada foto, eu apareço em posições diferentes na mesma montanha, menos em uma. Mas, por causa da sombra, parece que continuo lá. É sobre isso que eu quis falar: quando algo é repetido muitas vezes, mesmo que não esteja mais ali, a pessoa acredita que está. A exposição se chamou *A dúvida da verdade* porque discutia justamente isso, a forma como

construímos convicções a partir de repetições. O ponto de partida foi duas experiências pessoais, a morte da minha mãe, em 2006, e a história do meu irmão. Guardei por anos o bilhete que a enfermeira do hospital me escreveu naquela ocasião, com instruções sobre o que fazer, endereço, muda de roupa, local de enterro. Aquilo virou parte da exposição também. Nesse projeto, o trajeto até o lugar da montagem já era exposição, e a bicicleta, carregando tudo, me ajudava a costurar essas camadas. Foi um divisor de águas.



Fig. 5 - Sérgio Adriano H, *A dúvida da verdade*, 2017, instalação itinerante. Projeto Bike Galeria, Bienal de Curitiba. Bicicleta adaptada para transportar obras fotográficas em circulação pelo espaço urbano. Fonte: Acervo pessoal de Sérgio Adriano H.

**Seus trabalhos circulam por ruas, museus, praças e instituições. O que muda na recepção, no gesto e na potência da obra entre esses contextos? Que experiências marcaram essas diferenças?**

Sérgio Adriano H: Na rua, eu nunca sei exatamente o que vai acontecer, mas sempre acontece alguma coisa. Em São José, Santa Catarina, fui fazer uma exposição em uma praça, mas percebi que o fluxo de pessoas estava no ponto de ônibus. Então levei as obras para lá. As pessoas esperavam o ônibus olhando as fotografias e ficavam com vontade de ver mais. Isso é o que a rua provoca. Nem sempre falam comigo, mas há trocas muito profundas.

Nas instituições, às vezes, o primeiro desafio é descolonizar o olhar de quem ocupa aquele espaço. Mas também aprendi a desarmar a instituição, a conversar com a segurança, com o educativo, com os funcionários da limpeza. Na Unicamp, preparamos um café da manhã para que as funcionárias da limpeza visitassem as obras da minha exposição, mas, como eram terceirizadas, o chefe não queria liberá-las. A universidade teve de intervir. Isso mostra o quanto a lógica do trabalho ainda é opressiva, e como meu trabalho quer dialogar com todas as camadas, não só com a elite da arte.

A rua me dá poder, mas me exige muito. Já precisei estar empoderado para não me colocar em risco, especialmente no interior de Santa Catarina, em tempos de ódio institucionalizado. Mesmo assim, eu vou. Porque é preciso dizer que estamos vivos. E tudo que é vivo incomoda. Em São Paulo, teve uma situação em que eu expus na rua, na frente do Edifício Vera. Mesmo debaixo de chuva pesada, fiz questão de manter minha exposição por lá. Os profissionais responsáveis pela limpeza urbana, os garis, pararam para ler meus textos, e isso me marcou profundamente.

Quando a instituição me valida, eu levo isso comigo para a rua. E quando ocupo a rua, amplio o alcance da arte para além da bolha. É esse trânsito que me interessa. Entre rua, museu, universidade e praça.

**Na reta final desta entrevista, gostaríamos de ouvir sobre os sonhos que te moveram no início, mas que ainda te sustentam.**

Sérgio Adriano H: No começo, eu também queria ajudar as pessoas, mas tinha essa coisa do sucesso, de precisar dar certo. Hoje é o contrário. Quero muito mais ajudar do que alcançar sucesso, que para mim é fruto de muito trabalho. Eu acordo às quatro, durmo à meia-noite, trabalho todos os dias. Mas tem uma coisa que nunca mudou. Eu sonho que uma criança, nascida numa comunidade, vá a uma exposição minha ou abra um livro de História da Arte Brasileira, veja meu nome lá, veja a obra, descubra quem sou, de onde vim, tudo o que vivi, e comece a sonhar. Sonhar em ser médica, dentista, advogada, artista. E que essa pessoa realize seus sonhos e seja tão grandiosa em vida que, depois, vire um monumento numa praça. E, aí, uma outra criança vai passar por ali, descobrir essa história e começar a sonhar também. Representatividade sempre foi o que me move. Desde o início até agora, é o sonho de transformar a vida do outro.

**Quais artistas, pensadores ou experiências recentes têm te  
atravessado de forma mais significativa?**

Sérgio Adriano H: Há alguns nomes que me atravessam de forma muito afetiva. A Rosana Paulino, por exemplo, me marcou ao dizer que o artista negro, além de tudo, é um educador. Aprendi com ela a sempre encontrar um ponto de escuta, de acolhimento, até na hora de falar do trabalho do outro. A Sônia Gomes também me encanta, talvez por parecer tanto com minha mãe, no jeito, no afeto. A Grada Kilomba me pegou com sua relação com a palavra; vi uma exposição dela na Pinacoteca de São Paulo que mexeu comigo. Tem gente mais próxima, como a pesquisadora Célia Maria Antonacci, com quem tenho conversas profundas sobre arte. Entre curadores, cito Juliana Crispe, Claudinei Roberto da Silva e Paulo Herkenhoff, que tem um olhar atento para minha produção e pesquisa. O Ayrson Heráclito me afeta demais com sua potência performática. E o Agnaldo Farias me marcou lá atrás, quando falou de planejamento de carreira. Aquilo me fez voltar para Joinville com outra cabeça. No fim das contas, carrego esse pensamento de professor que fui cultivando desde a formação, mesmo com todas as limitações.

**Em tantas conversas, talvez já tenham te perguntado de tudo.  
Mas existe alguma pergunta que nunca fizeram e que você  
gostaria que fizessem?**

Sérgio Adriano H: Talvez ninguém tenha me perguntado diretamente sobre o valor social da arte. Não é só sobre estar em exposição ou ganhar edital, é sobre o que você faz com isso. O conhecimento e o dinheiro que vêm do trabalho não são só meus, têm de circular. Por isso fundei, ainda em 2014, a residência artística Diva Base 44, como espaço de acolhimento e de troca. E hoje, no nosso ateliê ARTE8 em São Paulo, juntamente com a artista Rafaela Jemmene, a gente continua esse compromisso: toda sexta há leitura de portfólio gratuita, com verdade e afeto. Porque ser artista, para mim, é caminhar junto. Se eu chego, outros têm que chegar também. É o pensamento coletivo que me move.

## **Referências**

Antonacci, C. M. (2021). *Apontamentos da arte africana e afro-brasileira contemporânea*. Invisíveis Produções.

Brugnera, L. C. (Cur.). (2017-2018). *A dúvida da verdade — Bike Galeria* [Exposição itinerante]. Bienal de Curitiba – Projeto Bike Galeria, Curitiba e outras cidades, Brasil.

Crispe, J. (Cur.). (2024, 2 mar. - 1 jun.). *AparaDOR* [Exposição]. Sesc Niterói, Niterói, Brasil.

Crispe, J., & Roberto, C. (Cur.). (2025, 23 jul. - 15 set.). *CORpo MANIFESTO* [Exposição]. Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Caixa Cultural, Brasília. *desCOLONIZAR CORpos* [Exposição]. (2023, 17 out. - 17 dez.). Brasília, Brasil.

Furegatti, S. (Cur.). (2023, 3 ago. - 29 set.). *Em visita. Helô Sanvoy*

e Sérgio Adriano H [Exposição]. Galeria do Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, Brasil.

H, S. A. (2024). *AparaDor*. [Catálogo de exposição]. +Cultura Hub Criativo.

H, S. A. (2025). *CORpo MANIFESTO* [Catálogo de exposição; curadoria de Juliana Crispe e Claudinei Roberto da Silva]. Lume Cultural.

Lontrade, A., Morsillo, S., & de Aguiar Neitzel, A. (Eds.). (2024). *Pédagogie de l'expérience esthétique et de l'expérimentation en art* (Art, esthétique, philosophie, n. 27). Éditions Mimésis.

Teobaldo, M. (Cur.). (2019). *TU MATA EU* [Exposição]. Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), Rio de Janeiro, Brasil.



arte  
:lugar  
:cidade